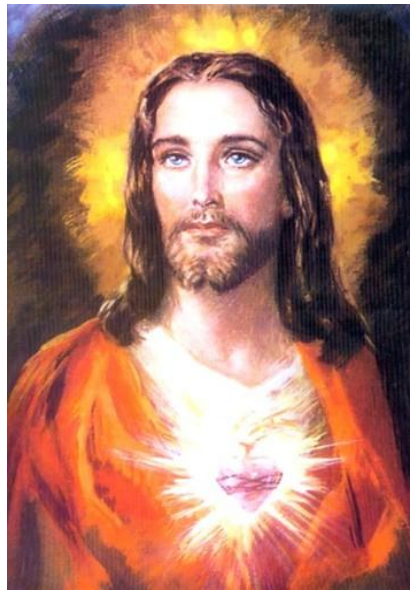




**Universidade Federal do Amapá
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
Disciplina: Sociologia Cultural
Educador: João Nascimento Borges Filho**



Pai Nosso | Oração do Pai Nosso

Pai Nosso que estais no céu,
santificado seja o vosso nome,
vem a nós o vosso reino,
seja feita a vossa vontade
assim na terra como no céu.

O pão nosso de cada dia nos daí hoje,
perdoai-nos as nossas ofensas,
assim como nós perdoamos
a quem nos tem ofendido,
não nos deixei cair em tentação
mas livrai-nos do mal. Amém.



Oração do Pai Nosso

Esta *oração dominical, assim chamada por ter sido ensinada pelo Senhor Jesus Cristo, é de uma riqueza extraordinária, reconhecida pelos padres e doutores da Igreja que, ao longo dos séculos, a têm comentado. Encontra-se na forma mais desenvolvida em Mt 6,9-13, a adoptada pela Igreja na catequese e, na liturgia, oficialmente rezada ou cantada três vezes por dia (em Laudes, na Missa e em Vésperas). S. Mateus coloca-a no centro do Sermão da Montanha (caps. 5-7), enquadrando-a pelas outras duas práticas fundamentais cristãs, a *esmola e o *jejum, com a recomendação de que se façam “em segredo” (= na maior intimidade e confiança com Deus). Abre com a invocação *Abbá, que a versão portuguesa traduz por “Pai” (nosso), mas que melhor se traduziria pela expressão infantil de “Papá” ou “Paizinho”, que aparece três vezes no NT (Mc 14,36; Rm 8,15; Gl 4,6), com a explicação de que é o Espírito Santo, o Espírito de Adopção, que ensina tratamento tão íntimo e confiante com o Pai do Céu. Em S. Mateus, o Pai-Nosso inclui sete pedidos, que são ao mesmo tempo compromissos assumidos. Em S. Lucas (Lc 11,2-4), a invocação é simplesmente “Pai” e os pedidos estão sintetizados em cinco.

COMENTÁRIO AO PAI NOSSO

Perguntamos: como é que Deus é Pai? E quais são nossas obrigações para com Ele devido à sua paternidade? Chamamo-lo Pai, por causa do modo especial com que nos criou. Criou-nos à sua imagem e semelhança, imagem e semelhanças estas, que não imprimiu em nenhuma outra criatura inferior ao homem. Não é ele teu Pai, teu Criador que te estabeleceu? (Dt 32, 6). Deus merece também o nome de Pai, por causa da solicitude particular que tem para com os homens no governo do universo. Nada escapa ao seu governo, sendo este exercido de modo diferente em relação a nós e em relação às



criaturas inferiores a nós. Os seres inferiores são governados como escravos e nós como senhores. Ó Pai, diz o livro da Sabedoria (14, 3), vossa providência rege e conduz todas as coisas; e (12, 18) a nós governa com indulgência. Deus, enfim, tem direito ao nome de Pai, porque nos adotou. Enquanto não deu, às outras criaturas, senão pequenas dádivas, a nós fez o dom de sua herança, e isso porque somos seus filhos. São Paulo diz (Rm 8, 17): Porque somos seus filhos, somos também seus herdeiros, e ainda (vers. 15): Vós não recebestes um espírito de servidão, para recairdes no temor, mas recebestes um espírito de adoção, que nos faz clamar: Abba, Pai. Em primeiro lugar, devemos honrá-lo. Se sou Pai, diz o Senhor, por Malaquias, (1,6) onde está a minha honra?

Esta honra consiste em três coisas: a primeira em relação aos nossos deveres para com Deus; a segunda, nossos deveres para conosco mesmos; a terceira, nossos deveres para com o próximo. A honra devida ao Senhor consiste, primeiramente, em oferecer a Deus o dom do louvor, seguindo o que está escrito (Sl 49, 23): O sacrifício de louvor me honrará. Este louvor deve estar não só nos lábios, como no coração. Está escrito em Isaías (29,13): Este povo me honra com os lábios, mas seu coração está longe de mim. A honra devida a Deus, em segundo lugar, consiste na pureza de nossos corpos, pois o Apóstolo escreveu: (1 Cor 6, 20) Glorificai e trazei a Deus em vosso corpo. Consiste, enfim, esta honra, na equidade de nossos julgamentos para com o próximo. O Salmo 98, 4 diz: Honrar o rei é amar a justiça.

Em segundo lugar, devemos imitar Deus, porque ele é nosso Pai. Diz o Senhor, em Jeremias: (3, 9) chamar-me-eis Pai, e não deixareis de andar atrás de mim. A imitação para ser perfeita requer três coisas. A primeira é o amor. Diz São Paulo (Ef 5, 1-2): Sede imitadores de Deus, como filhos bem amados, e caminhai no amor. Este amor deve ser encontrado em nosso coração. A segunda é a misericórdia. O



amor deve ser acompanhado da misericórdia, segundo a recomendação de Jesus (Lc 6, 36): sede misericordiosos. E essa misericórdia deve mostrar-se nas obras. A terceira é a perfeição, porque o amor e a misericórdia devem ser perfeitos. Foi, com efeito, depois de falar da disposição e das obras servis, que o Senhor diz, no Sermão da Montanha, (Mt 5, 48) Sede perfeitos, como vosso Pai celestial é perfeito. Em terceiro lugar, devemos obediência a nosso Pai. Se nossos pais segundo a carne nos castigam e nós os respeitamos, por mais forte razão devemos submeter-nos ao Pai dos espíritos, diz São Paulo (Heb 12,9). A obediência é devida ao Pai celeste por causa de seu domínio soberano, sendo Ele o Senhor por excelência. Já os Hebreus, ao pé do monte Sinai, declararam a Moisés (Ex 24, 7): Tudo o que disse o Senhor nós o faremos e obedeceremos. Nossa obediência está também fundada no exemplo de Cristo que, sendo o verdadeiro Filho de Deus, se fez obediente até à morte (Fp 2, 8). Por fim obedecemos por interesse próprio. David dizia de Deus: Tocarei diante do Senhor que me escolheu (2 Rs 6,12). Em quarto lugar e sempre, porque Deus é nosso Pai, devemos ser pacientes, quando ele nos castiga. Meu filho, dizem os Provérbios (3, 11-12), não rejeites a correção do Senhor; nem desanimes, quando Ele te corrige. O Senhor castiga àquele que ama e se compraz nele como um Pai com seu filho. O Senhor nos prescreveu dirigirmo-nos a seu Pai, na Oração Dominical, não somente como «Pai», mas também como «Pai nosso», Fazendo isto, mostrou quais são nossos deveres para com nossos próximos.

A nossos próximos, devemos primeiramente o amor, porque são nossos irmãos; todos somos filhos de Deus. Quem não ama seu irmão a quem vê, diz São João (I, 4,20), como pode amar a Deus a quem não vê? Em segundo lugar, devemos respeito a nossos semelhantes. Temos um único Pai, diz Malaquias (2, 10). Não foi um só Deus que nos criou? Por que haverás de desprezar teu irmão? E São Paulo escreve aos Romanos (12-10): Cuidai de respeitar-vos uns



aos outros. A realização desde duplo dever nos proporciona os mais desejáveis frutos, pois o Cristo, nos escreve São Paulo (Heb 5,9) é, para todos os que lhe obedecem, princípio de salvação eterna.

QUE ESTÁIS NO CÉU

Entre as disposições necessárias àquele que reza, a confiança tem uma importância considerável. Quem pede alguma coisa a Deus, diz São Tiago, (1,6) faça-o com confiança e sem hesitação. O Senhor, no princípio da Oração que nos ensinou, expõe os motivos que fazem nascer a confiança. Primeiro, a complacência do Pai: Pai Nosso. Depois, diz o Senhor (Lc 11, 13): Vós que saís maus, sabeis dar coisas boas a vossos filhos; quanto mais dará vosso Pai celeste, do alto dos céus, àqueles que lhe pedem, seu bom Espírito. Um outro motivo de confiança é a grandeza e o poder do Pai, o que nos faz dizer ao Senhor não apenas Pai nosso, mas Pai nosso que estais no céu. O Salmista também diz: (Sl 122, 1) Elevei meus olhos para vós que habitais nos céus. O Senhor usou a expressão que estais no céu por três razões diferentes.

Em primeiro lugar, esta expressão tem por objeto preparar a oração, como nos recomenda o Eclesiástico (18, 23): Antes da oração, preparai vossas almas. Seguramente, o pensamento de que nosso Pai está nos céus, isto é, na glória celeste, nos prepara para lhe dirigirmos nossas súplicas. Na promessa do Senhor a seus Apóstolos (Mt 5, 12): vossa recompensa será grande nos céus, a expressão «nos céus» tem igualmente o sentido de «na glória celeste». A preparação da oração se realiza pela imitação das realidades celestes, pois o filho deve imitar seu pai. Assim, São Paulo escreve aos Coríntios (I, 15,49): Como revestimos a imagem do homem terrestre, é preciso também revestirmos a imagem do homem celeste. A preparação para a oração requer também a contemplação das coisas celestes. Os homens têm por hábito dirigir freqüentemente o pensamento para o



lugar onde está seu pai e onde se acham os outros seres, objetos de seu amor, segundo a palavra do Senhor (Mt 6, 21): Lá onde está o teu tesouro, também está teu coração. Foi por isso que o Apóstolo escreveu aos Filipenses (3,20): Nos céus está a nossa morada. A preparação da oração reclama, enfim, que aspiremos às coisas celestes. Àquele que está nos céus devemos pedir coisas celestes, como nos diz São Paulo (Cl 3, 1): Procurai as coisas do alto, lá onde está o Cristo. Em segundo lugar, as palavras «Pai nosso que estais no céu» podem significar a facilidade que tem Deus de ouvir as nossas preces, porque está próximo de nós. Aquelas palavras significam então: Pai nosso que estais nos santos. Com efeito, Deus habita nos santos.

Jeremias diz (14, 9): Senhor, Vós estais em nós. Os santos são realmente chamados «céus», segundo essas palavras do Salmo 18,12: «Os céus proclamam a glória de Deus». Ora, Deus habita nos santos pela fé. São Paulo escreve aos Efésios (3, 17): Que Cristo habite em vossos corações pela fé. Deus também mora nos santos pela caridade. Aquele que habita na caridade, diz São João (I, 4, 16), habita em Deus e Deus nele. Deus mora ainda nos santos pela realização dos mandamentos. Se alguém me ama, declara o Senhor (Jo 14,23), guarda minha palavra e nós viremos a ele e nele faremos nossa morada. 20. — Em terceiro lugar, «que estais nos céus» se refere à eficácia do Pai ao nos ouvir. Neste caso a palavra «céus» designa céus materiais e visíveis; não que queiramos dizer, com isso, que Deus está encerrado no céu corpóreo, pois está escrito (2 Rs 18, 27): Eis que os céus e os céus dos céus não vos podem conter; mas estas palavras «que estais nos céus» mostram: a) que Deus, por seu olhar, é clarividente e penetrante, porque vê do alto. Ele olhou de sua santa altura, diz o Salmo 101,20; b) que Deus é sublime em seu poder, segundo a palavra do Salmista (102, 19): O Senhor dispôs seu trono, nos céus; c) que Deus é estável em sua eternidade, segundo outras palavras (Sl 101, 13 e 28): Senhor, permaneceis eternamente e



vossos anos, não têm fim. Por isto, diz-se de Cristo (Sl 88, 30): Seu trono é como o dia do céu, isto é, sem fim, como a duração do que é celeste. E o Filósofo confirma, com sua autoridade, a justeza desta comparação, quando faz notar em seu tratado «do céu»: «Por causa de sua incorruptibilidade, o céu é olhado por todos, como sendo a morada dos puros espíritos».

Estas palavras «que estais nos céus» dirigidas ao Pai, no momento da oração, nos dão um triplo motivo de confiança, que repousa: a) sobre o poder de Deus; b) sobre a amizade de Deus, que nós invocamos; c) sobre a conveniência de nosso pedido. a) O poder do Pai que nós imploramos nos é sugerido pela expressão: «que estais nos céus», se por céus compreendermos os céus materiais e visíveis. Sem dúvida, Deus não está encerrado nos céus materiais, pois nos diz em Jeremias (23, 24): Encho o céu e a terra; diz-se, entretanto, «estais nos céus» para insinuar a virtude de sua natureza. Contra aqueles que afirmam que tudo vem necessariamente pela influência dos corpos celestes e negam a utilidade de se pedir qualquer coisa a Deus pela oração — como são tolos! — dizemos a Deus: «que estais nos céus» e ali está, por virtude de Seu poder, como Senhor dos céus e das estrelas, seguindo a palavra do Salmo (102, 19): O Senhor preparou seu trono nos céus. E também contra aqueles que em suas preces constroem e compõem imagens corpóreas de Deus, é na intenção deles que dizemos: «que estais nos céus». Desta sorte: pelo que há de mais elevado nas coisas sensíveis, nós lhes mostramos a sublimidade de Deus, que ultrapassa a tudo, incluindo o desejo e a inteligência dos homens, e assim tudo que se possa pensar e desejar é inferior a Deus. É por isto que está escrito no livro de Jó (32, 26): Deus é grande e ultrapassa nossa ciência, e no livro dos Salmos (Sl 112, 4): O Senhor se elevou acima de todas as nações. E Isaías declara (40, 18): A quem tendes vós assemelhado Deus? b) Muitos disseram que Deus, pelo fato de estar tão alto, não cuida das coisas humanas. É preciso, ao contrário, pensar que Ele está próximo de



nós, e que está intimamente presente em nós. Esta familiaridade de Deus com o homem nos é apontada pelas palavras da Oração Dominical «que estais nos céus», se as entendemos assim: «vós que estais nos santos». Os santos são os céus, segundo a palavra do salmista (18,2): os céus mostram a glória de Deus e também Jeremias (14,9): Estais no Senhor. Esta intimidade de Deus com os homens nos inspira dois motivos de confiança quando rezamos ao Senhor. O primeiro se apóia nesta proximidade divina que o Salmista mostra nas palavras (14, 4, 18): O Senhor está próximo dos que o invocam. Por isto o Senhor nos dá o aviso (Mt. 6, 6): Quando rezardes entrai em vosso quarto, quer dizer, no interior de vosso coração. O segundo repousa no patrocínio dos santos. Por sua intercessão, podemos obter o que pedimos. (Jó 5, 1): Dirigi-vos a qualquer dos santos e São Tiago (5, 16): Rogai uns pelos outros, para que sejais salvos. c) Se, quando dizemos ao Pai celeste,: Vós que estais nos céus, pensamos que céus designam os bens espirituais e eternos, objeto de bem-aventurança, então nosso desejo das coisas celestes se inflama. Nosso desejo deve inclinar-se para onde está nosso Pai, pois lá também está nossa herança. São Paulo diz aos fiéis: Procurai os bens do alto (Cl 3, 1) e São Pedro (1, 1, 4) nos fala desta herança incorruptível, que nos está reservada nos céus.

O pensamento de que o Pai é nosso Bem espiritual eterno, objeto de nossa bem-aventurança, nos convida, com força, a levarmos uma vida celeste, a fim de nos tornarmos conforme o nosso Pai. Como é o celeste, assim também serão os celestiais, declara o Apóstolo (1 Cor 15, 18). Estas duas coisas, o desejo da bem-aventurança do céu e o levar nesta terra uma vida celestial — nos predispõem incontestavelmente a rezar com devoção ao Senhor e dirigir-lhe uma oração digna de sua Majestade.

SANTIFICADO SEJA O VOSSO NOME



Este é o primeiro pedido, no qual pedimos que o nome de Deus seja manifestado em nós e por nós proclamado. Ora, o nome de Deus é antes de tudo, admirável, porque em todas as criaturas opera obras maravilhosas. O Senhor declara no Evangelho (Mc 16,17): Em meu nome, expulsarão os demônios, falarão novas línguas, e se beberem algum veneno mortal, este não lhes fará mal algum. Em segundo lugar, o nome de Deus é amável. «Não existe debaixo do céu, diz São Pedro (At 4, 12) nenhum outro nome, entre os que foram dados aos homens, que possa salvar-nos». E a salvação deve ser buscada por todos. Santo Inácio dá-nos o exemplo do quanto devemos amar o nome de Cristo. Quando o imperador Trajano exigiu que ele negasse o nome de Cristo, Santo Inácio respondeu: «Não podereis arrancá-lo de minha boca». O tirano ameaçou cortar-lhe a cabeça e assim tirar o nome de Cristo de seus lábios; replicou o bem-aventurado: «Não o arrancarás jamais de meu coração, pois é lá que está gravado, por isto não posso deixar de invocá-lo». Ouvindo estas palavras, Trajano, desejoso de verificar-lhes a exatidão, mandou cortar a cabeça do servidor de Deus e extrair-lhe o coração. E no coração encontrou gravado, com letras de ouro o nome de Cristo. O santo possuía este nome como um selo em seu coração. Em terceiro lugar, o nome de Deus é venerável. O Apóstolo afirma (Fp 2, 10): Que ao nome de Jesus se dobrem todo joelho no céu, na terra e nos infernos; no céu, no mundo dos anjos e bem-aventurados; na terra, tanto os homens, que querem a glória celeste, como os que, por temerem o castigo, buscam evitá-lo; nos infernos, no mundo dos danados, que estes se prostrem com temor diante de Jesus Cristo.

Em quarto lugar, o nome de Deus é inexprimível, no sentido de que nenhuma língua é capaz de exprimir toda a sua riqueza. Tenta-se, no entanto, explicá-la pelas criaturas. Assim, dá-se a Deus o nome de rochedo, por causa de sua firmeza. E notemos que se o Senhor deu a Simão, futuro fundamento da Igreja, o nome de Pedra (Mc 3, 16) foi precisamente porque sua fé, na divindade de Jesus, (cf. Mt 16, 18)



devia fazê-lo participar de sua firmeza divina. Designa-se Deus também pelo nome de fogo, em razão de sua virtude purificadora. Assim como o fogo purifica os metais, Deus purifica o coração dos pecadores. Assim está no Deuteronômio (4, 24): Vosso Deus é um fogo que consome. Deus é também chamado luz, por causa de sua capacidade de iluminar. Como a luz ilumina as trevas, Deus ilumina as trevas do espírito. O Salmista, em sua oração, diz ao Senhor (17, 29): Meu Deus, iluminai as minhas trevas. Pedimos então que este nome seja manifestado, conhecido e tido por santo. A palavra santo tem três significações: Primeiramente, santo que dizer firme, sólido, inabalável. Assim, todos os Bem-aventurados que habitam os céus são chamados santos, porque se tornaram, pela felicidade eterna, inabaláveis. Neste sentido não há santos neste mundo, porque os homens estão, aqui, em constante movimento. «Senhor, dizia Santo Agostinho, afastei-me de vós e andei errante; afastei-me de vossa estabilidade.» Santo, em segundo lugar, significa: o que não é terrestre. Por isto, os santos que vivem no céu não têm afeição alguma pelas coisas terrestres.

Tenho tudo em conta de imundices, para ganhar a Cristo, dizia São Paulo (Fp 3, 8). Pela palavra terra, designam-se os pecadores. Primeiro porque, se não é cultivada, germinam nela espinhos e cardos, como está escrito no Gênesis (3, 8). Assim, também a alma do pecador, se não é cultivada pela graça, só produzirá os espinhos e os cardos do pecado. Segundo, a terra é obscura e opaca, símbolo dos pecadores. Diz o Gênesis (1, 2): As trevas cobriram a face do abismo. Terceiro, a terra, se não é aglutinada pela água, divide-se, desagrega-se, pulveriza-se, torna-se seca, pois o Senhor estabeleceu a terra sobre as águas, como diz o Salmista (Sl 135, 6): Deus firmou a terra sobre as águas. Assim a umidade da água remedeia a aridez da terra. A alma do pecador, privada da água, não passa de uma alma seca e árida, como constata o Salmo 142, 6: Minha alma é como a terra sem água. Enfim, santo, em terceiro lugar, significa «tinto de



sangue». Também os santos que estão no céu são chamados santos, porque estão tintos de sangue, segundo o Apocalipse (7, 14): Estes são os que vieram da grande tribulação e lavaram suas vestes, no sangue do Cordeiro. Também diz o Apocalipse (1, 5): Jesus Cristo que nos amou e nos lavou dos nossos pecados, no seu sangue.

VENHA A NÓS O VOSSO REINO

Como foi dito, o Espírito Santo nos faz amar, desejar e pedir retamente o que nos convém amar, desejar e pedir (no. 3). Este Espírito produz em nós, primeiro, o temor que nos leva a procurar a santificação do nome de Deus, para, em seguida, nos dar o dom da piedade.

A piedade é, propriamente, uma afeição terna e devotada por um pai e também por um homem caído na miséria. Como Deus é nosso Pai, devemos não somente venerá-lo e temê-lo, mas também alimentarmos uma terna e delicada afeição por Ele. É esta afeição que nos faz pedir a vinda do reino de Deus. São Paulo declara em Tito, 2, 11-13: A graça de Deus apareceu a todos os homens, ensinando-nos que vivamos neste mundo sóbria, justa e piamente, aguardando a esperança bem-aventurada e a vinda gloriosa de nosso grande Deus. Mas podemos perguntar: Se o reino de Deus sempre existiu, porque pedimos a sua vinda? Devemos responder a esta pergunta de três maneiras: a) Primeiro: o reino de Deus, em sua forma acabada, supõe a perfeita submissão de todas as coisas a Deus. Um rei não será rei, efetivamente, antes de que todos os seus súditos lhe obedeam. Sem dúvida, Deus pelo que é e por sua natureza, é o Senhor do universo; e o Cristo, sendo Deus e sendo homem, tem, como Deus, o senhorio sobre todas as coisas. Diz Daniel (7, 14): No mais antigo dos dias foi lhe dado o poder, a honra e a realeza. É preciso que tudo lhe seja submetido. Mas isto ainda não é assim e se realizará no fim do mundo. Está escrito (1 Cor 15,



25): É necessário que ele reine, até que ponha todos os inimigos debaixo de seus pés. Eis porque pedimos: venha a nós o vosso reino. Assim fazendo, pedimos três coisas, a saber: — que os justos se convertam; — que os pecadores sejam punidos; — que a morte seja destruída.

Os homens são submetidos ao Cristo de duas maneiras: ou voluntariamente ou contra a vontade. A vontade de Deus, com efeito, possui tal eficácia, que não pode deixar de se realizar totalmente. E já que Deus quer que todas as coisas sejam submissas ao Cristo, é preciso necessariamente ou que o homem cumpra a vontade de Deus, submetendo-se a seus mandamentos — o que fazem os justos — ou que Deus realize sua vontade naqueles que lhe desobedecem, isto é, nos pecadores e nos seus inimigos, punindo-os. O que acontecerá, no fim do mundo, quando Ele colocará seus inimigos debaixo de seus pés (cf., Sl 109, 1). Por isso é dado aos santos pedirem a Deus a vinda de seu reino, com a total submissão de todos à sua realeza. Mas esse pedido faz tremer os pecadores, pois assim terão de se submeter aos suplícios requeridos pela vontade divina. Infelizes aqueles (pecadores) que desejam o dia do Senhor (Am 5, 18). A vinda do reino de Deus, no fim dos tempos, será também a destruição da morte. O Cristo é a vida; ora, a morte — que é contrária à vida — não pode existir em seu reino, segundo a palavra (1 Cor 15,26): O último inimigo a ser destruído será a morte, o que quer dizer que na ressurreição, segundo São Paulo (Fp 3, 21), o Salvador transformará nosso corpo de miséria, e o tornará semelhante ao seu corpo glorioso. b) Segundo: o reino dos céus designa a glória do paraíso. Não há nisto nada de espantoso, pois o reino quer dizer, simplesmente, governo. Um governo atinge seu mais alto grau de excelência, quando nada se opõe à vontade de quem governa. Ora, a vontade de Deus é a salvação dos homens, pois Deus quer que todos os homens se salvem (cf. 1 Tm 2, 4). Esta vontade divina se realizara principalmente no paraíso, onde nada é



contrário à salvação dos homens, pois o Senhor diz (Mt 13, 14): Os anjos lançarão fora de seu reino todos os escândalos. Neste mundo, ao contrário, abundam os obstáculos, para a salvação dos homens. Quando, pois, pedimos a Deus: «venha a nós o vosso reino», rezamos para que, triunfando sobre esses obstáculos, sejamos participantes de seu reino e da glória do paraíso. Três motivos tornam este reino extremamente desejável. Primeiro, pela soberana justiça deste reino. Falando de seus habitantes, o Senhor diz a Isaías (60, 21) que todos são justos. Aqui, os maus estão misturados com os bons, mas lá não haverá nem maus nem pecadores. Segundo, pela perfeita liberdade dos eleitos. Aqui na terra, todos desejam a liberdade, sem possuí-la plenamente. Mas no céu se goza de uma plena e inteira liberdade, sem a menor servidão. Diz-nos São Paulo (Rm 8, 21): A própria criação será libertada do cativeiro da corrupção, para a gloriosa liberdade dos filhos de Deus. E não somente todos os eleitos possuirão a liberdade, mas serão reis, segundo o Apocalipse: Fizeste-nos reis e sacerdotes e reinaremos sobre a terra. Serão todos reis, porque terão, como Deus, uma só vontade. Deus quererá o que os santos querem e os santos quererão o que Deus quer. Assim todos reinarão, porque farão a vontade de todos e Deus será a coroa de todos, segundo Isaías (28, 5): Naquele dia, o Senhor dos exércitos será a coroa da glória e a grinalda de exultação para o resto de seu povo.

Terceiro, pela maravilhosa abundância de seus bens. Diz Isaías ao Senhor (64, 4): O olho não viu, exceto tu, ó Deus, o que tens preparado para aquele que te esperam. E o Salmista (Sl 102, 5). Enches de bens, segundo o teu desejo. E é preciso notar que «só em Deus» o homem achará a excelência e a perfeição daquilo que procura, «neste mundo». Se procurais o deleite, em Deus achareis o deleite supremo. Se procurais riquezas, em Deus achareis a superabundância de tudo de que tendes necessidade e tudo que é razão de ser das riquezas. O mesmo acontece com os outros bens.



Santo Agostinho reconhecia em suas Confissões: «A alma que fornicava, ao afastar-se de vós, procurando os bens fora de vós, só os encontrará límpidos e puros se voltar para vós». c) Terceiro: porque muitas vezes o pecado reina e triunfa neste mundo, pedimos a Deus a vinda de seu reino. São Paulo se levantava contra esta calamidade (Rm 6, 12): Que o pecado não reine em vossos corações. Esta infelicidade se realiza quando o homem se deixa levar sem resistência, até o fim de sua inclinação para o pecado. Deus deve reinar em nosso coração e o faz efetivamente quando estamos prontos a observar os seus mandamentos. Quando pedimos a vinda do reino de Deus, rezamos para que não reine em nós o pecado, mas que só Deus ali reine e para sempre. Por este pedido da vinda do reino de Deus, chegaremos à bem-aventurança, proclamada pelo Senhor (Mt 5, 4): Bem-aventurados os mansos.

Com efeito, segundo a primeira explicação do pedido venha a nós o vosso reino (nº 35), o homem, pelo fato de desejar que Deus seja reconhecido mestre soberano de tudo, não se vinga da injustiça recebida, mas deixa esse cuidado a Deus. Pois se vingando ele está procurando seu triunfo pessoal e não a vinda do reino de Deus. De acordo com a segunda explicação (nº 37) se esperais o reino de Deus, quer dizer, a glória do paraíso, não deveis ficar inquietos, quando perdeis os bens deste mundo. Do mesmo modo, pela terceira explicação, (no 41) pedis que reine em vós Deus e seu Cristo. Assim como Jesus foi mansíssimo, pois ele mesmo o diz (Mt 11, 29), deveis também ser mansos e imitar os Hebreus dos quais diz São Paulo (Heb 10, 34): aceitaram com contentamento a espoliação de seus bens.

**SEJA FEITA A VOSSA VONTADE, ASSIM NA TERRA,
COMO NO CÉU**



O Espírito Santo produz em vós um terceiro dom, chamado dom de Ciência. O Espírito Santo não produz nos bons somente o dom do Temor e o dom da Piedade que, como vimos atrás (nº 34), é um amor delicado por Deus. O Espírito Santo torna o homem sábio. Davi pedia o dom da ciência no Salmo 118, 66, dizendo: Ensinai-me a bondade, a doutrina e a ciência. E é esta ciência do bem viver, que nos ensina o Espírito Santo. Entre as disposições que contribuem para a ciência e a sabedoria do homem, a mais importante é aquela que faz com que o homem não se apóie em si mesmo.

Não te estribes em tua prudência, recomenda o livro dos Provérbios (3, 5). Com efeito, os que confiam em seu próprio julgamento, a ponto de não se fiarem senão em si mesmos e não nos outros, são considerados como insensatos, e verdadeiramente o são. Declara o livro dos Provérbios (26, 12): Mais se deve esperar de um ignorante do que de um homem que é sábio a seus próprios olhos. Um homem não confia em seu próprio julgamento se é humilde, pois, ensinam os Provérbios (11, 2): onde há humildade, aí há igualmente sabedoria. Os orgulhosos ao contrário, põem em si toda confiança. Assim sendo, o Espírito Santo nos ensina, pelo dom de Ciência, a não fazer a nossa vontade, mas a vontade de Deus. E também quando pedimos a Deus, que Sua vontade se faça no céu, como na terra, manifesta-se O dom de Ciência. Quando dizemos a Deus: Seja feita a vossa vontade, é como se fôssemos doentes que aceitam o remédio amargo, prescrito pelo médico. O doente não quer tal remédio, mas aceita a vontade do médico, do contrário, seguindo só sua vontade, seria um insensato. Da mesma maneira, não devemos pedir a Deus nada além do Seu querer, isto é, a realização de Sua vontade em nós. O coração do homem é reto, quando está de acordo com a vontade divina, assim como fez o Cristo: (Jo 6, 38): Desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade d' Aquele que me enviou. Cristo, enquanto Deus, tem uma só vontade com o Pai, mas enquanto homem tem sua vontade distinta da vontade do Pai.



Foi falando desta vontade que declarou: não faço a minha vontade, mas a de meu Pai. E por isso nos ensinou a rezar e a pedir: «seja feita a vossa vontade».

Mas qual é a razão de ser desta oração: «Seja feita a vossa vontade?» Não se diz a Deus, no Salmo 113 (v. 3): Tudo quanto quis, fez? Se Deus faz tudo que quer no céu e na terra, porque diz Jesus: Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu? 46. — Para compreender a causa deste pedido é preciso saber que Deus quer para nós três coisas que realizamos nesta oração. a) Em primeiro lugar, Deus quer que tenhamos a vida eterna. Quando alguém faz alguma coisa visando um determinado fim, quer que ela atinja tal fim. Ora, Deus não fez o homem sem um fim determinado. Diz o Salmo (88, 48): acaso criastes em vão todos os filhos dos homens? Deus criou os homens, para um fim que não são as volúpias, pois estas também as têm os animais. Deus quis que o homem alcançasse a vida eterna. (cf. Jo. 3, 16; 10, 10). Quando alguma coisa atinge o fim para que foi feita, diz-se que está salva; quando não atinge, diz-se que está perdida. Ora, o homem é feito por Deus para a vida eterna. Quando ele chega lá, está salvo; e esta é a vontade de Deus para ele. Esta é a vontade do Pai que me enviou: que o que vir o Filho e crer nele, tenha a vida eterna. (Jo 6, 40). Esta vontade já se cumpriu nos anjos e santos, que vivem na pátria celeste, pois vêem a Deus, o conhecem e gozam dele. Mas nós desejamos que, assim como a vontade de Deus se cumpre nos Bem-aventurados que estão no céu, se cumpra também em nós que estamos na terra. Por isso pedimos na oração: «Seja feita a vossa vontade» em nós, que estamos na terra, como nos Santos, que estão no céu.

b) Quanto a nós, Sua vontade é que cumpramos Seus mandamentos. Quando alguém deseja um bem, quer não só este bem, como os meios para obtê-lo. Também o médico, para conseguir a saúde do doente, quer a dieta, os remédios e outras coisas desse gênero. Ora,



Deus quer que tenhamos a vida eterna. Ao moço que lhe pergunta: Que devo fazer de bom para ter a vida eterna? Jesus responde: Se queres entrar na vida eterna, guarda os mandamentos (Mt 19, 17). São Paulo escreve, a esse propósito, aos Romanos (12, 19): E não vos conformeis com este mundo, mas reformai-vos com um espírito novo, para que experimenteis qual é a vontade de Deus, boa, agradável e perfeita. A vontade de Deus é boa porque é útil. Sou o Senhor teu Deus, que te ensina o que é útil. (Is 48, 17). É agradável para aqueles que a amam. Se a vontade de Deus não é grata aos que não a amam, para os que a amam é deliciosa. A luz nasceu para os justos, a alegria para os retos de coração, diz o Salmista (Sl 96, 11). A vontade de Deus é também perfeita, porque é uma bondade superior a tudo. Sede perfeitos, como vosso Pai celestial é perfeito, prescrevia Jesus (Mt 5, 48). Assim, quando dizemos, «Seja feita a vossa vontade», pedimos a graça de observar os mandamentos de Deus.

Ora, a vontade de Deus se cumpre nos justos, mas ainda não nos pecadores. Os justos são designados pelo céu e os pecadores pela terra. Pedimos, pois que a vontade de Deus seja feita na terra, isto é nos pecadores, como é feita no céu, nos justos. Notemos que Jesus, com o próprio modo de formular o terceiro pedido do «Pai nosso» nos dá um ensinamento: Jesus não nos faz dizer a nosso Pai: «fazei a vossa vontade», nem tão pouco, «que nós façamos a vossa vontade», mas sim: «Seja feita a vossa vontade». Com efeito, duas coisas são necessárias para alcançarmos a vida eterna: a graça de Deus e a vontade do homem. Apesar de Deus ter criado o homem sem chamá-lo a cooperar na criação, não o justifica, no entanto, sem a cooperação dele. «Aquele que te criou sem ti, não te justificará sem ti» diz Santo Agostinho, em seu comentário sobre São João. Realmente, Deus quer esta cooperação do homem. Converti-vos a mim, e eu me converterei a vós, diz Ele em Zacarias (1,3); e São Paulo escreveu: (1 Cor 15, 10) Pela graça de Deus sou o que sou e sua graça não tem sido vã em mim. Não sejais presumidos, mas confiai



na graça de Deus; não negligencieis o vosso esforço, mas trazei vossa cooperação. É por isso que Jesus não nos manda dizer «que nós façamos a vossa vontade», do contrário pareceria que a graça de Deus não tem nada para fazer. Também não prescreve «Fazei a vossa vontade», senão pareceria que nossa vontade e nosso esforço não servem para nada.

Mas Jesus nos faz dizer: Seja feita a vossa vontade, pela graça de Deus, à qual juntamos nosso trabalho e nosso esforço. c) em terceiro lugar, Deus quer que sejamos restabelecidos no estado e na dignidade em que foi criado o primeiro homem. Dignidade e estado tão elevados que seu espírito e sua alma não sentiam qualquer oposição da parte da carne e da sensibilidade. Enquanto a alma foi submissa a Deus, a carne foi submissa ao espírito e tão perfeitamente que não experimentou nem a corrupção da morte nem a alteração da doença e das outras paixões. Mas a partir do momento em que o espírito e a alma, que estavam entre Deus e a carne, se rebelaram contra Deus, pelo pecado, também o corpo se rebelou contra a alma e começou a ter doenças e a morrer, e sua sensibilidade continuamente se revoltou contra o espírito. O que faz com que São Paulo diga: (Rm 7,23). Sinto nos meus membros uma outra lei, que repugna à lei do meu espírito. E (Gl 5, 17) A carne tem desejos contra o espírito e o espírito contra a carne. Assim há uma guerra incessante entre o espírito e a carne; o homem torna-se cada vez pior pelo pecado. Deus quer que o homem seja restabelecido em seu primeiro estado, isto é, que não haja nada na carne que se oponha a seu espírito; o que São Paulo exprime assim (1 Ts 4, 3): Pois é essa a vontade de Deus: a vossa santificação. Ora, esta vontade de Deus, quanto ao nosso corpo, não pode realizar-se nesta vida. Ela se realizará na ressurreição dos santos, quando seus corpos ressuscitarão gloriosos, incorruptíveis e esplêndidos, segundo a palavra do Apóstolo (1 Cor 15,43): Semeia-se na vileza, mas o corpo ressuscitará na glória.



No entanto a vontade de Deus se realiza aqui em baixo, no espírito dos justos, por sua justiça, ciência e vida. Assim, quando dizemos: «Seja feita a vossa vontade», pedimos ao Senhor que realize sua vontade também em nossa carne. Segundo esta explicação, no pedido, «Seja feita a vossa vontade, assim na terra, como no céu», a Palavra céu designa nosso espírito e a palavra terra designa nossa carne. E o sentido deste pedido será: que vossa vontade seja feita na terra, isto é, em nossa carne, como é feita no céu, isto é, em nosso espírito, pela justiça. Este terceiro pedido nos faz chegar à bem-aventurança das lágrimas, que o Senhor nos fez conhecer no Sermão da Montanha (Mt 5, 5): Bemaventurados os que choram, porque serão consolados. É fácil demonstrá-la retomando os três pontos de nossa explicação. Primeiramente, Deus quer para nós e nos faz desejar a vida eterna. Por esse amor à vida eterna, somos levados a derramar lágrimas. Ai de mim, canta o salmista, como é longo o meu exílio! (Sl 119,5). E esse desejo de vida eterna, entre os santos, é tão forte que os faz aspirar à morte, se bem que, em si mesma, ela seja objeto de aversão. Nós preferimos deixar este corpo e estar presentes no Senhor (2 Cor 5,8). Em segundo lugar, os que guardam os mandamentos de Deus, para obedecer à vontade de Deus, estão também na aflição, porque, se os preceitos são doces para a alma, são amargos para a carne, pois a mortificam. Falando da carne, e também de suas almas, o Salmista diz dos justos (Sl 125, 5): Semearam em lágrimas, com alegria ceifarão. Em terceiro lugar, falamos da luta incessante entre nossa carne e nosso espírito. Luta essa que é, igualmente, objeto de nossas lágrimas. É impossível que neste combate a alma não receba alguns ferimentos da parte da carne, ao menos os dos pecados veniais. A obrigação de expiar estas faltas é razão de lágrimas. Salmo 6,7: Todas as noites, isto é, na obscuridade de meus pecados, regarei o meu leito, isto é minha consciência. Os que choram assim, alcançarão a pátria. Que Deus se digne de nos conduzir a ela.



O PÃO NOSSO DE CADA DIA NOS DAI HOJE

Muitas vezes, a grandeza da ciência e da sabedoria tornam o homem tímido, e então é preciso ter força no coração, para que o homem não desanime diante das necessidades. O Senhor, diz Isaías (40, 29), dá força aos cansados e vigor aos que são fracos. E Ezequiel (2, 2) também diz: Entrou em mim o Espírito, e me firmou sobre os meus pés. O Espírito Santo, de um lado, dá força para impedir que o homem desfaleça com o medo de não ter o necessário, e por outro lado, para que o homem creia firmemente que Deus o proverá de tudo que precisar. Assim o Espírito Santo, dispensador desta força, nos ensina a dizer: O pão nosso de cada dia nos dai hoje. E o chamamos Espírito de força. É preciso saber, que nos três pedidos precedentes do «Pai Nosso», pedimos bens espirituais, cuja possessão começa neste mundo, mas só será perfeita na vida eterna. Com efeito, quando pedimos a santificação do nome de Deus, pedimos que reconheçamos Sua santidade; pedindo a vinda de Seu reino, pedimos alcançar a vida eterna; pedir para que a vontade de Deus seja feita é pedir que Deus cumpra Sua vontade em nós.

Todos esses bens, parcialmente realizados neste mundo, só o serão perfeitamente, na vida eterna. Também é necessário pedir a Deus alguns bens indispensáveis, cuja possessão perfeita é possível na vida presente. Por isso, o Espírito Santo nos ensina a pedir estes bens, necessários à vida presente e perfeitamente possuídos aqui em baixo. Ao mesmo tempo nos faz mostrar que é Deus que nos provê em nossas necessidades temporais, quando dizemos: «O pão nosso de cada dia nos dai hoje». Por estas palavras, Jesus nos ensina a evitar os cinco pecados que se comete habitualmente por um desejo imoderado das coisas temporais.

O primeiro destes pecados é que o homem, insaciável, quanto às coisas que convêm a seu estado e a sua condição, e impelido por um



desejo desregrado, pede bens que estão acima de sua condição. Age como um soldado que se queira vestir de oficial ou um clérigo, como um bispo. Este vício desvia o homem das coisas espirituais, porque o prende excessivamente a coisas temporais. O Senhor nos ensina a evitar tal pecado, mandando-nos pedir somente o pão, quer dizer, os bens necessários a cada um nesta vida, segundo a sua condição particular: sob o nome de «pão», estão compreendidos todos esses bens. O Senhor não nos ensinou a pedir coisas delicadas, variadas e exóticas, porém pão, sem o qual o homem não pode viver e que é o alimento comum a todos. O essencial da vida do homem, diz o Eclesiástico (29, 28), é a água e o pão. E o Apóstolo escreveu a Timóteo (1,6, 8): Tendo pois com que nos sustentar e com que nos cobrirmos, contentemo-nos com isso.

Um segundo vício consiste em cometer-se injustiças e fraudes na aquisição dos bens temporais. Este é um vício perigoso, porque é difícil restituir os bens roubados e, segundo Santo Agostinho, «tal pecado não é perdoado, se não restituímos o que foi roubado». O Senhor nos ensina a evitar este vício, pedindo para nós, não o pão de outrem, mas o nosso. Os ladrões comem o pão dos outros e não o seu próprio. O terceiro pecado é a solicitude excessiva para com os bens terrenos. Há pessoas que nunca estão satisfeitas com o que têm e querem sempre mais. Senhor, não me deis nem a Pobreza nem a riqueza: dai-me somente o que for necessário para viver, dizem os Provérbios (30, 8). Jesus nos ensina a evitar este pecado pelas palavras: «de cada dia nos dai hoje», quer dizer, o pão de um só dia ou de uma só unidade de tempo. O quarta vício, causado pela appetite desmesurado das coisas daqui de baixa, consiste numa insaciável avidez das bens terrenas, uma verdadeira voracidade. Querem consumir em um só dia o que é suficiente para muitas dias. Estes não pedem o pão de um dia, mas o de dez. Gastando sem medida, chegam a dissipar todas os seus bens, segundo a palavra dos Provérbios (23, 21): Passando o tempo a beber e a comer se



arruinam, e segunda esta outra palavra (Ecl. 19, 1): O operário dado ao vinho não enriquecerá.

O deseja desregrada dos bens terrestres engendra um quinto pecado, a ingratidão. Este é o deplorável vício do homem que se orgulha de suas riquezas e não reconhece que as deve a Deus, autor de todos os bens espirituais e temporais, segunda a palavra de Davi (I Par. 29, 14): Teu é tudo e o recebemos de tua mão. Para afastar esse vício e fixarmos que todos esses bens vêm de Deus, Jesus nos faz dizer: «Dai-nos nosso pão». Recolhamos a lição da experiência e das Sagradas Escrituras a respeito do caráter perigosa e nociva das riquezas. Quantas vezes se possui grandes riquezas e não se tira qualquer utilidade delas, mas, ao contrário, males espirituais e temporais. Há homens que morrem por causa de suas riquezas. Há ainda um mal que tenho visto debaixo do sol, diz o Eclesiastes (6, 1-2), e ordinário por certo entre os homens: um homem a quem Deus deu riquezas, bens e honra; nada falta à sua alma de tudo o que pode desejar, e Deus não lhe concedeu o poder de gozar destes bens, mas virá um homem estranho a devorar suas riquezas. E diz ainda o Eclesiastes (5, 12): Ainda há outra enfermidade bem má debaixo do sol: as riquezas acumuladas em detrimento de seu dono. Devemos, portanto, pedir a Deus que nossas riquezas nos sejam úteis. Quando dizemos: «Dai-nos o nosso pão», é isso que pedimos, que os nossos bens nos sejam úteis e que não se verifique conosco o que está escrito do homem mau (Jo 20, 14,15): o pão, em suas entranhas, se converterá em fel de áspides. Vomitará as riquezas que devorou e Deus lhas fará sair das entranhas.

Voltando ao vício de uma solicitude excessiva em relação aos bens terrenos, vemos homens que se inquietam hoje com o pão de um ano inteiro, e se chegam a possuí-lo, nem por isso, deixam de se atormentar. Mas o Senhor lhes diz (Mt 6, 31): Não vos inquieteis, pois, dizendo: que comeremos ou o que beberemos ou com que nos



vestiremos? Também Deus nos ensina a pedir para hoje o pão nosso, quer dizer, o necessário para o momento presente. Existem além do pão, alimento do corpo, duas outras qualidades de pão. O pão sacramental e o da palavra de Deus. Na Oração Dominical também pedimos nosso pão sacramental que é todo dia preparado na Igreja e que recebemos como sacramento, como penhor de nossa salvação. Jesus declarou aos Judeus (Jo 6,5): Eu sou o Pão vivo que desceu do céu. — Quem come deste pão, e bebe do cálice do Senhor indignamente, come e bebe para si a condenação (1 Cor 11, 29). Pedimos também na Oração Dominical este outro pão que é a palavra e Deus. Deste pão disse Jesus (Mt 4, 4): Não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que vem da boca de Deus. Pedimos assim que nos dê pão, isto é, o Verbo de Deus, de onde provém para o homem a bem-aventurança da fome e sede de justiça. Quanto mais bens espirituais possuímos, mais desejamos e este desejo aguça o apetite e a fome, que será saciada na vida eterna.

PERDOAI AS NOSSAS DÍVIDAS ASSIM COMO NÓS PERDOAMOS AOS NOSSOS DEVEDORES

Encontramos homens de grande sabedoria e força, mas quem confia em sua própria força não trabalha com sabedoria nem conduz até o final aquilo que se propusera fazer. Parecem ignorar que os conselhos dão força às reflexões. Como ensinam os Provérbios (20, 18). Mas notemos que o Espírito Santo que dá a força, dá também o conselho; pois qualquer bom conselho relativo à salvação do homem só pode vir do Espírito Santo. O conselho é necessário ao homem, quando este sofre tribulações, assim como o conselho do médico, quando se está doente. Quando um homem está espiritualmente doente pelo pecado, deve pedir conselho. E Daniel mostra que o conselho é necessário ao pecador, quando diz ao rei Nabucodonosor (Dn 4, 24): Segue, ó rei, o conselho que te dou, redime os teus pecados com esmolas. O conselho de dar esmolas e ser



misericordioso é excelente para apagar os pecados. Por isso o Espírito Santo ensina aos pecadores esta oração pedindo: Perdoai as nossas dívidas, assim como nós perdoamos os nossos devedores. Além disso devemos verdadeiramente a Deus aquilo a que Ele tem direito e que nós lhe recusamos. Ora, o direito de Deus exige que façamos Sua vontade, preferindo-a à nossa vontade. Ofendemos, portanto, seu direito, quando preferimos nossa vontade à sua, e isto é o pecado. Assim os pecados são nossas dívidas para com Deus. E o Espírito Santo nos aconselha que peçamos a Deus o perdão de nossos pecados e por isso dizemos: Perdoai as nossas dívidas. Sobre estas palavras podemos fazer três considerações:

a) Primeiro, por que fazemos este pedido? b) Segundo, quando será realizado? c) Terceiro, que devemos fazer para que Deus realize nosso pedido? a) Da primeira, tiramos dois ensinamentos necessários ao homem, nesta vida. Um, que o homem deve sempre temer a Deus e ser humilde. Há quem seja bastante presunçoso para dizer que podemos viver neste mundo de modo a evitar o pecado. Mas isto a ninguém foi dado, a não ser ao Cristo que possui o Espírito em toda a plenitude; e à Bem-aventurada Virgem, cheia de graça e imaculada, da qual dizia Santo Agostinho: «Desta (Virgem) não quero fazer a menor menção, quando falo do pecado». Mas a nenhum outro santo foi concedido não cair em pecado ou, ao menos, não incorrer em algum pecado venial. Diz, em sua Epístola, São João: Se dissermos que estamos sem pecado, nós mesmos nos enganamos, e não há verdade em nós. (I, 1,8). E isto tudo é provado pelo próprio pedido. Firmamos, pois, que a todos, santos ou não, convém dizer o Pai Nosso, com o pedido: Perdoai as nossas dívidas. Portanto, cada homem se reconhece e se confessa pecador e indubitavelmente devedor. Se, pois, sois pecador, deveis temer e vos humilhar. O outro ensinamento é que vivamos sempre na esperança. Ainda que sejamos pecadores, não devemos desesperar. O desespero nos leva a outros e mais graves pecados, como nos diz o Apóstolo (Ef



4, 19): Desesperando, entregaram-se à dissolução e a toda sorte de impurezas.

b) É, pois, muito útil que sempre esperemos. O homem, por mais pecador que seja, deve esperar sempre o perdão de Deus, se seu arrependimento é verdadeiro, se se converteu perfeitamente. Ora, esta esperança se fortifica em nós, quando pedimos: Pai nosso, perdoai as nossas dívidas. Os hereges Navatini negavam essa esperança, dizendo que aquele que peca, depois do batismo, não alcança a misericórdia. Ora, isto não é verdade, se é verdade o que Cristo diz (Mt 18,32): Perdoei-te a dívida toda, porque me pediste. Assim, em qualquer dia em que pedirdes, podereis obter a misericórdia, se rogardes arrependidos por terdes pecado. Se, portanto, por esse pedido, nasce o temor e a esperança e todo pecador contrito alcança a misericórdia, concluímos o quanto é necessário fazê-lo. b) Quanto à segunda consideração, é preciso lembrar que, no pecado, são dois os elementos presentes: a culpa, pela qual se ofende a Deus, e o castigo devido pela ofensa. Ora, a falta é remida pela contrição, se esta é acompanhada do propósito de se confessar e de satisfazê-la. Declara o Salmista (Sl 31, 5): Eu disse: confessarei ao Senhor contra minha injustiça; e tu me perdoaste a impiedade de meu pecado. Como dissemos, se a contrição dos pecados, com o propósito de confessá-los, basta para obter sua remissão, o pecador não deve desesperar. Mas alguém pode objetar: se a contrição do pecado redime a culpa, porque é necessário a confissão ao sacerdote?

A esta pergunta responderemos: Deus, pela contrição, redime o pecado, mudando o castigo eterno em castigo temporal; o pecador, contrito, fica submetido à pena temporal, Assim, se o pecador morre sem confissão, não por tê-la desprezado, mas porque a morte o surpreendeu, irá para o purgatório onde, segundo Santo Agostinho, sofrerá muitíssimo. No entanto, ao vos confessar, o sacerdote vos



absolve da pena temporal pelo poder das chaves, ao qual vos submeteis na confissão; pois disse Cristo aos Apóstolos (Jo, 20,22,23): Recebei o Espírito Santo; àqueles a quem perdoardes os pecados, serão perdoados e aos que os retiverdes, serão retidos. Assim, quando se confessa uma vez, alguma parte da pena é perdoada e do mesmo modo, quando se repete a confissão ou se confessa, tantas vezes, quanto necessário, será totalmente perdoada. Os sucessores dos Apóstolos acharam um outro modo de remir a pena temporal: pelo benefício das indulgências. Para quem vive na caridade, as indulgências têm o valor que o Papa lhes pode conferir. Quando os santos fazem boas obras, sem terem pecado, ao menos mortalmente, essas obras são úteis para a Igreja. Do mesmo modo os méritos de Cristo e da bem-aventurada Virgem são reunidos como um tesouro. O Soberano Pontífice e aqueles a quem ele confiou tal cuidado, podem aplicar estes méritos, onde mais houver necessidade. Assim, pois, os pecados são remidos, quanto à falta, peia contrição, e quanto à pena, pela confissão e pelas indulgências.

c) Quanto à terceira consideração: que devemos fazer para que Deus realize nosso pedido, Deus requer, de nossa parte, que perdoemos ao próximo as ofensas que nos fez. É por isso que nos faz dizer: assim como nós perdoamos os nossos devedores. Se agirmos de outra maneira, Deus não nos perdoará.

Diz-nos o Eclesiástico (28, 2-5): Perdoa a teu próximo o mal, que te fez e a seu pedido teus pecados ser-te-ão perdoados. O homem guarda sua ira para com outro homem e pede a Deus remédio? Não tem compaixão de um homem seu semelhante, e pede perdão de seus pecados? Sendo carne, conserva rancor e pede propiciação a Deus? Quem lha alcançará por seus delitos? Perdoai, (Lc 6, 37), e ser-vos-á perdoado. É por isso que neste quinto pedido do Pai N'osso o Senhor nos põe uma única condição: perdoai o outro. Se assim não fazemos, não seremos perdoados. Mas poderíamos dizer: Direi as primeiras palavras do pedido a saber: perdoai as nossas



dívidas, mas não as últimas: como nós perdoamos aos nossos devedores. Quereis enganar a Cristo? Mas certamente não enganareis. Cristo compôs esta oração e dela se lembra bem; como podeis enganá-lo? Portanto, se dizeis com a boca, ratificai com o coração. Mas, perguntamos, aquele que não tem o propósito de perdoar seu próximo deve dizer: Assim como nós perdoamos os nossos devedores? Parece que não, pois estaria mentindo. Mas respondo que não estaria mentindo, porque não está rezando em seu nome, mas em nome da Igreja, que não se engana. É por isso que esse pedido foi posto no plural. Precisamos saber que há dois modos de perdoar o próximo. O primeiro é o dos perfeitos, que leva os ofendidos a procurarem os ofensores, como diz o Salmista: (Sl 33, 15): Procurai a paz.

O segundo modo de perdoar é comum a todos, é a obrigação de todos; nada mais é que perdoar os que pedem perdão, como diz o Eclesiástico; (28, 2) Perdoa teu próximo pelo mal que te fez e a seu pedido teus pecados ser-te-ão perdoados. Bem-aventurados os misericordiosos, é o fruto deste quinto pedido. Porque nos leva a ter misericórdia para com o próximo.

E NÃO NOS DEXEIS CAIR EM TENTACÃO

Há pecadores que desejam obter o perdão de seus pecados; confessam-se e fazem penitência, mas não se aplicam como devem, para não recaírem no pecado. São inconstantes consigo mesmos, pois choram e se arrependem de seus pecados, para em seguida caírem novamente nos mesmos pecados e assim acumularem motivo para lágrimas futuras. A propósito disto, diz o Senhor em Isaias: (1, 16) Lavai-vos, purificai-vos, tirai de diante de meus olhos a malignidade de vossos pensamentos: deixai de fazer o mal. É por isso que Cristo, como dissemos, nos ensina, no pedido anterior, a implorar o perdão de nossos pecados e neste, a graça de evitar o pecado dizendo: e não nos deixeis cair em tentação, pois é



verdadeiramente a tentação que nos induz ao pecado. Neste pedido três questões atraem nossa atenção: a) Que é a tentação? b) Como e por quem o homem é tentado? c) Como se livra da tentação? a) Que é a tentação?

Tentar não quer dizer mais do que: por à prova. Assim, tentar o homem, é por à prova sua virtude. A tentação pode ser de duas maneiras, segundo as exigências da virtude humana. Uma, quanto à perfeição da obra e outra, que o homem se guarde de todo o mal. É o que diz o Salmista: (Sl 33, 15) Evita o mal e faze o bem. A virtude do homem será pois provação, tanto do ponto de vista da excelência de se agir, quanto do seu afastamento do mal. Se sois provados para saber, se estais prontos para praticar o bem, como, por exemplo, jejuar, e estais efetivamente prontos para o bem, grande é a vossa virtude. Deste modo Deus prova o homem, não porque Ele não conhece sua virtude, mas para que assim todos a fiquem conhecendo e o tenham como exemplo. Deste modo Deus tentou Abraão (Gn 22) e Jó. Por isso Deus envia tribulações aos justos; se suportam com paciência, sua virtude é manifesta e progridem na virtude. O Senhor vosso Deus vos tenta, para se fazer manifesto se o amais ou não, dizia Moisés aos Hebreus (Dt 13, 3). Portanto Deus tenta o homem, provocando-o a fazer o bem. O segundo modo de tentar a virtude do homem é incitá-lo ao mal. E se o homem resiste fortemente e não consente, sua virtude é grande, mas se ele não resiste, onde está sua virtude? Deus nunca tenta o homem deste modo, pois nos diz São Tiago: (1, 13): Ninguém, quando é tentado, diga que Deus é que o tenta, pois Ele é incapaz de tentar para o mal. Mas quem tenta o homem é a própria carne, o diabo e o mundo. b) Como e por quem é o homem tentado? A carne tenta o homem de dois modos.

Primeiro, instigando o homem para o mal, pela procura dos gozos carnis, que são sempre ocasião de pecado. Quem permanece nos gozos carnis, negligencia as coisas espirituais. Diz-nos São Tiago:



Cada um é tentado por sua própria concupiscência que o arrasta e seduz (Tg 1, 14). Em segundo lugar, a carne nos tenta, desviando-nos do bem. Pois o espírito, por si mesmo, se deleita sempre com os bens espirituais; mas o peso da carne entrava o espírito. O corpo que se corrompe faz pesada a alma, diz o Livro da Sabedoria (9, 15) e São Paulo escreve aos romanos (7, 22): Pois me deleito na lei de Deus, segundo o homem interior; sinto, porém, nos meus membros outra lei, que repugna à lei de meu espírito e que me prende à lei do pecado, que está em meus membros. Esta tentação da carne é muito forte porque a carne, nossa inimiga, está ligada a nós. E como disse Boécio: «Nenhuma peste é tão nociva, quanto um inimigo familiar». Por isto é preciso estar vigilante contra a carne. Vigiai e orai, para não cairdes em tentação. (Mt 26, 41). Ora, uma vez a carne dominada, outro inimigo aparece, o diabo, contra quem é enorme nossa luta. Diz-nos São Paulo: (Ef 6, 12) — não temos que lutar contra a carne e o sangue apenas, mas sim contra os principados e potestades, contra os dominadores do mundo das trevas, contra os espíritos de malícia, espalhados pelos ares. Onde é o diabo expressamente chamado o tentador, como nos mostra São Paulo: (1 Ts 3,5): Não vos haja tentado aquele que tenta. O diabo age astutamente nas tentações. Assim como um general de exército, que sitia uma fortaleza, considera os pontos fracos que quer atacar, o diabo considera onde o homem é mais fraco para aí tentá-lo.

E por isso tenta-o nos vícios a que o homem, subjugado pela carne, é mais inclinado, como o vício da ira, da soberba e outros vícios espirituais. Vosso adversário, o demônio, como um leão a rugir anda ao redor de vós, procurando a quem devorar, diz-nos São Pedro. (1 Pd 5, 8). O demônio usa de suas táticas em suas tentações. No primeiro momento da tentação não propõe ao homem nada de declaradamente mau, mas alguma coisa que ainda tenha a aparência de um bem. Assim, de início, desvia ligeiramente o homem de sua orientação geral interior, o suficiente para, em seguida, levá-lo



facilmente a pecar. Sobre isto escreve o Apóstolo aos Coríntios: (2 Cor 11, 14): O próprio Satanás se transfigura em anjo da luz. Depois de ter induzido o homem ao pecado, prende-o para não permitir que ele se liberte de suas faltas. Assim o demônio faz duas coisas: engana o homem e o conserva enganado em seu pecado. O mundo por sua vez nos tenta de duas maneiras. Em primeiro lugar, por um desejo desmesurado das coisas temporais. A cupidez é raiz de todos os males, diz o Apóstolo (Tm 6, 10). Em segundo lugar, o mundo nos incita ao mal por medo das perseguições e dos tiranos. Estamos envolvidos pelas trevas (Jo 37, 19) Pois todos os que quiserem viver piamente em Cristo Jesus sofrerão perseguição, escreve São Paulo (2 Tm 3, 12). E o Senhor recomenda a seus discípulos: (Mt 10, 20) Não temais os que matam o corpo. c) Até aqui mostramos o que é a tentação e como o homem é tentado. Vejamos agora como o homem se livra da tentação.

Sobre isso é preciso notar que Cristo nos ensinou não a pedirmos para não sermos tentados, mas para não cairmos em tentação. Com efeito, é vencendo a tentação que o homem merece a coroa da glória. (cf. 1 Cor 9,25); (Pd 5, 4) É por isso que São Tiago (1, 2) declara: Meus irmãos, tende em conta da maior alegria o passardes por diversas tentações. E o Eclesiástico nos adverte: (2, 1): Filho, quando entrares no serviço de Deus... prepara tua alma para a tentação. Diz ainda São Tiago (1, 12) Bem-aventurado o homem que suporta a tentação; porque depois de ser provado, receberá a coroa da vida. Assim Jesus nos ensina a pedir ao Pai para não cairmos em tentação, dando a esta nosso consentimento. Diz-nos São Paulo: (1 Cor 10, 13) Não vos sobreveio nenhuma tentação, que não seja humana. Ser tentado é humano, mas consentir é ter parte com o diabo. Poderão objetar: uma vez que o Cristo disse explicitamente: Não nos induzi em tentação, isto é, não nos façais cair em tentação, não se deve deduzir daí, que é o próprio Deus, mais do que o diabo, que nos empurra ativamente para o mal? Respondo assim: É pelo fato de



permitir o mal e não levantar contra ele obstáculo que Deus, por assim dizer, leva o homem a praticar o mal. Assim Deus será dito induzir o homem em tentação, quando retira dele sua graça, por causa dos inúmeros pecados anteriores deste homem; o que terá por efeito fazer o homem cair em novo e pior pecado. Para ser preservado desse mal, o Salmista pede a Deus em sua prece: (Sl 70, 90): Quando minhas forças faltarem, não me desampares. Por outro lado, graças ao fervor da caridade, dado por Deus, o homem é ajudado de tal modo que não é induzido em tentação no sentido acima (nº 82, 83). A caridade, por menor que seja, resiste a qualquer pecado. As muitas águas não puderam extinguir a caridade, diz o Cântico dos Cânticos (8, 7).

Assim como Deus nos dirige pela luz da inteligência, também pela inteligência nos mostra as obras que devemos realizar. Segundo Aristóteles, todo pecador é um ignorante. Diz o Senhor (Sl 31, 8): Inteligência te darei e te instruirei neste caminho. E Davi pede esta luz, para bem agir (Sl 12, 4-5): Ilumina meus olhos, para que eu não durma jamais na morte. Para que o meu inimigo não venha a dizer: Eu prevaleci contra ele. Esta luz nos vem pelo Dom da Inteligência. Se recusamos nosso consentimento à tentação, guardamos a pureza de coração santificada por Jesus: (Mt 5, 8): Bem-aventurados os puros de coração, pois verão a Deus; e nós chegaremos à visão de Deus. Que Deus a ela nos conduza efetivamente.

MAS LIVRAI-NOS DO MAL. AMÉM

Nos pedidos precedentes, o Senhor nos ensina a implorar o perdão dos pecados e nos mostra como escapar das tentações. Aqui nos ensina a pedir que sejamos preservados do mal. Este é um pedido geral. Segundo Santo Agostinho, visa as diferentes espécies de males: pecados, doenças, aflições. Já falamos do pecado e da tentação; resta-nos tratar das outras categorias de males: todas as adversidades e aflições deste mundo. Deus nos livra delas de quatro



maneiras.

Em primeiro lugar, Deus livra o homem das aflições, afastando-as dele; o que faz raramente. Neste mundo, os santos são afligidos. Todos os que quiserem viver piamente em Cristo Jesus, padecerão perseguição, diz São Paulo. (2 Tm 3, 12). No entanto, às vezes, Deus concede a alguns não serem afligidos. Quando Deus sabe que uma pessoa não suporta a prova, age como um médico que evita dar remédios violentos a um doente muito mal. Eis, diz o Senhor, (Ap 3,8) que pus diante de ti uma porta aberta que ninguém pode fechar. Na pátria celeste é lei geral que ninguém seja afligido. Está no Apocalipse: (7, 16-17) Já não terão fome nem sede, nem cairá sobre eles o sol nem calor algum. Porque o Cordeiro, que está no meio do trono, os guardará e os levará às fontes das águas da vida, e Deus enxugará toda lágrima dos seus olhos. Em segundo lugar, Deus nos livra do mal, enviando-nos consolações no tempo das aflições. Sem as consolações divinas, o homem não pode subsistir no meio das provações. Diz-nos São Paulo: (2 Cor 1) Fomos mal tratados desmedidamente, além de nossas forças, e acrescenta: (2 Cor 7, 6) Deus porém que consola os humildes, consolou-nos. E canta o Salmista: (93, 19) Segundo as muitas dores que provou meu coração, as tuas consolações alegraram a minha alma. Em terceiro lugar, Deus cumula os aflitos de tantos benefícios, que chegam a esquecer seus males.

Depois da tempestade vem a bonança, dizia Tobias (3, 32). Assim não devemos temer as aflições e tribulações do mundo, que são facilmente suportadas por causa das consolações que Deus mistura a elas e também por causa de sua pouca duração. Diz São Paulo (2 Cor 4, 17) A ligeira tribulação do momento presente prepara para nós um peso eterno de glória, além de toda medida. Pois é a tribulação que nos faz alcançar a vida eterna. Em quarto lugar — e para estender a idéia do mal a todos os males (nº 88) — Deus tira o bem de todos os males, tentações e tribulações. Jesus não nos faz dizer: livrai-nos da



tribulação, mas: livrai-nos do risco do mal que essas tribulações trazem. Com efeito, as tribulações são dadas aos santos, para seu bem, para que mereçam a coroa da glória. Por isso, ao invés de pedir para serem liberados das tribulações, os santos fazem suas as palavras do Apóstolo: (Rm 5, 3) Não só nos gloriamos na esperança e na glória de Deus, mas também nos gloriamos nas tribulações, sabendo que as tribulações produzem a paciência. E repetem a oração de Tobias: (3, 13) Bendito seja o teu nome, ó Deus de nossos pais, que no tempo da aflição, perdoas os pecados aos que te invocam. Assim Deus livra o homem do mal e da tribulação, transformando o mal em bem, o que é o sinal da maior sabedoria, pois, com efeito, pertence ao sábio ordenar o mal ao bem. Deus atinge este objetivo, dando ao homem paciência nas tribulações. As outras virtudes se servem dos bens, mas a paciência é a única que tira proveito dos males. São eles que a fazem necessária e é por isso que sua necessidade só aparece no meio dos males, isto é, nas adversidades. Lemos nos Provérbios: (19, 11) A sabedoria do homem conhece-se pela sua paciência, o que faz com que ordene o mal para o bem. É por isso que o Espírito Santo, pelo dom de Sabedoria, nos faz dirigir este pedido ao Pai. Graças a este dom, alcançaremos a bem-aventurança, para a qual nos ordena a paz. A paciência, com efeito, nos assegura a paz, na adversidade. E por isso os pacíficos são chamados filhos de Deus, pois, são semelhantes a Deus.

A eles, como a Deus, nada pode perturbar, nem a prosperidade nem a adversidade. Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus. (Mt 5, 9). Amém é a reafirmação geral de todos os sete pedidos da Oração Dominical.

Prof. Borges

